

UMA LEITURA DO DISCURSO DO OUTRO NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Fátima Maria Elias Ramos*

Resumo

O presente artigo propõe uma breve reflexão sobre o conceito do discurso de ‘outrem’, introduzido por Mikhail Bakhtin (1929) em sua obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, fazendo uma aproximação com o conceito de heterogeneidade, preconizado pela Escola Francesa da Análise de Discurso. Neste trabalho, a tentativa é a de pontuar alguns aspectos referentes à maneira como o conceito de dialogismo vai se construindo no pensamento bakhtiniano e, ao mesmo tempo, instaurando uma fértil polêmica com vertentes clássicas da linguística e da estilística. Pretendo, desse modo, demonstrar como o outro se incorpora ao discurso do ‘um’ para produzir sentido, o que supõe que nenhum discurso é homogêneo, nem desprovido de sujeito, sendo sempre atravessado por outros discursos, outras vozes.

Palavras-chave: Linguagem, Dialogismo, Heterogeneidade.

Abstract

The present article aims at a consideration on the concept of “someone else’s” discourse, brought up by Mikhail Bakhtin (1929) in “Marxism and the Philosophy of Language”, compared to the concept of heterogeneity, supported by the French Discourse Analysis. This work aims to point out some aspects related to the way the concept of dialogism comes to progressively take shape in Bakhtin’s though, at the same time as it inscribes within it a fertile polemical argument with classical trends of linguistics and stylistic. Thus, I intend to demonstrate how the “other one” is embodied in the “ones’s” discourse to construct meaning, on the grounds that discourse is neither homogeneous, nor unfurnished of a subject, being always crossed by other discourses, other voices.

Keywords: Language, Dialogism, Heterogeneity.

Historicamente, nas gramáticas normativas ou tradicionais e na prática pedagógica, o discurso citado – direto, indireto e indireto livre – é estudado ao nível da sintaxe da frase. Esta perspectiva de estudo reduz o exame das modificações linguísticas e estilísticas que decorrem do uso desse fenômeno, por isso, não nos interessa a estrutura gramatical do discurso citado, mas, os diferentes modos de funcionamento dialógico, os efeitos de sentido produzidos por esta diversidade, na inter-relação dinâmica que se estabelece entre contexto narrativo e discurso citado. Nos estudos que Bakhtin e Volochinov (1986, p. 148-151) fazem dos esquemas de citação do discurso, esta dinâmica se traduz ora na delimitação ora na dissolução das fronteiras que separam a palavra citada daquela que cita, construindo a proximidade ou a distância do narrador em relação ao discurso citado.

Conforme Cunha (1992b, p. 108), para se investigar o discurso reportado nas falas, uma das teorias possíveis para abordar essa questão é a perspectiva bakhtiniana do discurso, entendido como retomado e modificado devido ao processo de reacentuações diversas, pois,

* Doutora em Linguística pela UFPE. Professora do Centro de Formação de Professores, Campus de Cajazeiras PB - Universidade Federal de Campina Grande (fatima-elias@uol.com.br)

para Bakhtin e Volochinov (1986, p. 146), “naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto”. Nesse sentido, por mais “fiel” que seja a transmissão do discurso de outrem, o fato de isolar o recorte de fala do seu contexto de origem para explicitá-la em outro lugar, ocorrerá, nessa dinâmica, modificações. Além disso, na fala, “as sequências de palavras são produzidas com entoação e acentos específicos e são acompanhadas por gestos, atitudes, eventos, situações” (CUNHA, 1998, p. 134).

A ideia central do pensamento de Bakhtin é o dialogismo, é a ideia do outro, da interação e do embate entre a palavra de um e de outrem, da enunciação sendo construída discursivamente. Nesse sentido, em “Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas”, Bakhtin e Volochinov (1986) apresentam uma “tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos”. O objetivo desses autores se justifica, tendo em vista que as questões acerca da sintaxe eram tratadas da mesma maneira que os fenômenos morfológicos por meio de princípios e métodos tradicionais da lingüística, ou seja, à luz do objetivismo abstrato.

Apesar desse tratamento, Bakhtin e Volochinov (1986) afirmam que as construções sintáticas são de enorme relevância para se compreender a língua e seu processo de evolução, por isso, dentre as formas lingüísticas fonéticas e morfológicas, as sintáticas são as que mais se aproximam da enunciação, isto é, das condições reais da fala. Em razão disso, esses autores esclarecem que o estudo da sintaxe só é viável no bojo de uma teoria da enunciação. Assim, a solução para os problemas sintáticos também só é possível sobre a base da comunicação verbal.

Nessa perspectiva, esses autores vão dedicar-se ao estudo do *discurso citado*, considerado por eles um problema específico da sintaxe, ao afirmarem que a dimensão escolhida deve ser analisada de uma perspectiva enunciativo-discursiva, isto é, a questão do discurso citado deve ser trabalhada de maneira diferente das abordagens gramaticais ou estilísticas. Por isto, os autores afirmam que o nó da questão é o discurso citado, isto é:

Os esquemas lingüísticos (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre), as modificações desses esquemas e as variantes dessas modificações que encontramos na língua, e que servem para a transmissão das enunciações de outrem e para a integração dessas enunciações, enquanto enunciações de outrem, num contexto monológico coerente. [...]. Ninguém foi capaz de discernir nessa questão da sintaxe à primeira vista secundária os problemas de enorme significação que ela coloca para a lingüística [...] (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1986, p. 143).

Bakhtin e Volochinov (1986) traçaram uma orientação sociológica em lingüística, para tratarem o fenômeno de transmissão da palavra de outrem, delimitando como fronteira o fenômeno social da interação verbal em seu todo, realizada por meio da enunciação ou das enunciações. Bakhtin e Volochinov (1986, p. 144) postulam que “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. Nas palavras de Cunha (1992b, p. 115), essa afirmação categórica de Bakhtin e Volochinov (1986) “impossibilita tratarmos ‘de discurso reportado’¹ sem considerarmos o contexto narrativo no qual vem se inserir e no qual circula a

¹Segundo Cunha (2005a, p. 102, grifo da autora), “discurso reportado (DR) é o termo genérico que engloba as três formas de citação: discursos direto (DD), indireto (DI) e indireto livre (DIL).” Para a autora, “o DR é um conteúdo tradicionalmente apresentado nas gramáticas e livros didáticos, do ensino fundamental à educação superior, seja como *estilo*, seja como *discurso direto*, *indireto* e *indireto livre*.” Cunha (2005a) considera “um

enunciação ‘autônoma’ de um outro sujeito”. Assim sendo, essa inter-relação dinâmica constitui o objeto de estudo do discurso retomado. Por isso, para Cunha (1997, p. 309), “o discurso relatado não é só o que é marcado como tal pelo relator, mas também o que é percebido como tal pelo interlocutor que reconhece diferentes vozes no discurso”.

Para estudarmos o discurso de outrem na perspectiva bakhtiniana, faz-se necessário compreendê-lo como um discurso retomado que está sujeito a diversas acentuações, pois, refletem tendências básicas e constantes da *recepção ativa do discurso de outrem*. Bakhtin e Volochinov (1986, p. 145) questionam e esclarecem esse problema. “Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem?”. Eles afirmam que encontramos nas formas do discurso citado um documento objetivo que nos dá indicações sobre as tendências sociais estáveis características da apreensão ativa do discurso de outrem que se manifestam nas formas da língua – numa enunciação concreta. Assim, onde no discurso vem se inscrever o discurso dos outros? Para Cunha (2005b, p. 112), “essa operação é de um enxerto entre dois tecidos. A inserção de uma citação supõe o trabalho do sujeito que cita, que o fragmento de discurso selecionado não é neutro para o receptor”. A autora postula que tanto o ato de selecionar como de inserir obrigam o sujeito a pensar, julgar, pesar e avaliar.

Para Bakhtin e Volochinov (1986, p. 142), a transmissão deve considerar uma terceira pessoa – “a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas”. É exatamente essa orientação para uma terceira pessoa que intensifica a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso. Segundo Cunha (2004a, p. 242, grifo da autora), “Bakhtin/Volochinov (1995) e Bakhtin (1981, 1993) tiveram a originalidade de abordar o discurso como circulante e o discurso citado como um fenômeno relacional: uma ‘relação de falas’ e uma fala relacionante, que concerne no mínimo dois atos de enunciação e três sujeitos.”

Abordando o funcionamento dialógico das vozes no discurso, Cunha (2002, p. 166) afirma que “é por meio das formas marcadas e não marcadas de dialogismo que percebemos a posição e os pontos de vista do enunciador do discurso atual, o grau de distância ou de adesão aos discursos dos enunciadores citados ou mencionados, e os lugares ocupados por eles.”

Nesse sentido, para efetuar-se o trabalho de análise do dialogismo, destacam-se duas tendências, segundo Cunha (2002): a primeira, baseada nas pesquisas de Authier-Revuz (1978), Gaulmyn (1983), Martins (1989), trata a presença do discurso de outrem como discurso direto, direto livre, indireto, narrativizado, indireto livre e modelos mistos; a segunda, formulada por Bakhtin e utilizada de modo diferente por Gardin (1976), Maingueneau (1980), Fiala (1986), Cunha (1992), Rosier (1999), Moirand (1999), Authier-Revuz (2001), Fairclough (2001), entre outros, analisa:

A dinâmica da interação entre o discurso de outrem e o contexto no qual ele aparece, para compreender as posições dos sujeitos, que podem ser aliados ideologicamente, adversários, portadores de verdade, de erro, etc.. A análise da tensão entre contexto introdutor da citação e formas de *representação de outro discurso* vai além de uma classificação da citação com base em critérios tipográficos e lingüísticos (CUNHA, 2002, p. 169, grifo da autora).

Nas palavras de Cunha (2004a, p. 242), “[...] a retomada é um fenômeno aberto e dinâmico, ligado às múltiplas maneiras como os sujeitos falantes recebem e reorientam a fala alheia.”

tema de extrema relevância no uso, no ensino-aprendizagem da língua e da literatura e das Ciências Humanas em geral, uma vez que revela a relação ao discurso do outro e, por conseguinte, ao outro.”

Baseando-se ainda em Bakhtin e Volochinov, Cunha (1992b, p. 115) mostra que:

1. não existem formas de discurso reportado, mas esquemas, configurações de retomadas da fala do outro, com tendências para o discurso direto, indireto ou indireto livre;
2. há uma posição especial do locutor ao interagir com o discurso de outrem. No processo de retomada-modificação de um discurso, o locutor se auto-introduz como autor da retomada por meio de descrições, tematizações, etc.;
3. os esquemas são estratégias discursivas elaboradas como uma nova enunciação dialógica.

Já para Authier-Revuz (2004), o que chama a atenção em **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (1986) é a tendência nova de análise do discurso indireto livre: nos limites de uma única e mesma construção lingüística, ouve-se ressoar os acentos de duas vozes diferentes. “De acordo com a expressão de Bakhtin, o discurso indireto livre abre às formas híbridas e aos gêneros, que são sua sistematização” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 38).

Além do discurso citado, Bakhtin e Volochinov (1986, p. 148) teorizam sobre a mediação entre o discurso interior e a apreensão da enunciação de outrem – “a palavra vai à palavra”. Para a efetivação desse processo, eles expõem duas operações: a réplica interior e o comentário efetivo, estes são organicamente ligados na unidade da apreensão ativa e não são isoláveis. Esses autores afirmam que essas duas operações de apreensão se realizam no discurso citado que engloba o contexto narrativo. Estes se fundem por meio de relações dinâmicas, complexas e tensas.

Ora, se o discurso citado e o contexto narrativo estão entrelaçados, impossível analisar as formas de transmissão do discurso de outrem separadamente sem levar em conta essa relação. Daí, segundo Bakhtin e Volochinov (1986, p. 148), o erro fundamental dos pesquisadores é estudar o discurso citado sistematicamente divorciado do contexto narrativo, uma vez que o objeto verdadeiro da pesquisa deve ser exatamente essa interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo. Evidentemente, essa dinâmica reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos no meio social.

Na interação entre discurso narrativo e discurso citado, ou seja, na relação do locutor com o discurso que ele retoma, Bakhtin e Volochinov (1986, p. 150) definem duas orientações. A primeira, denominada *estilo linear*, o locutor conserva o discurso de outrem, cria fronteiras nítidas à volta do discurso citado, por isso, existe completa homogeneidade estilística de todo o texto. A segunda, designada *estilo pictórico*, o locutor infiltra suas réplicas e seus comentários individuais no discurso de outrem, desfazendo a estrutura compacta do discurso citado e apagando as fronteiras entre os dois, manifestando-se, assim, numa diversidade de enunciados.

A concepção teórica de Bakhtin sobre a transmissão e o exame das palavras de outrem é muito relevante para analisarmos esse discurso, uma vez que:

[...] fala-se no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem – transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, as informações; indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas, etc. (BAKHTIN, 2002, p. 138-139).

Apesar do discurso de outrem ser um dos temas mais divulgados e essenciais da fala humana, antes dos estudos bakhtinianos, os estudos não o abordavam do ponto de vista da enunciação, mas da perspectiva gramatical, estrutural, em que o foco investigativo era somente nas formas do discurso citado: direto, indireto e indireto livre.

Ao ressaltar algumas abordagens do discurso reportado, Cunha (2005a) postula que, mesmo antes de ser considerado um conteúdo da gramática, já fora objeto de estudo da

retórica antiga. “A partir do século XVIII, a ênfase é dada à tipografia e à inserção dos diálogos em discurso direto na narração” (ROSIER, 1999 apud CUNHA, 2005a, p. 103).

Somente nos últimos vinte anos, o discurso reportado foi investigado na perspectiva enunciativa. Entre esses estudos, destacamos os de Cunha (1992a, 1992b), para quem o discurso reportado não se restringe aos aspectos formais, como prescreve a gramática, mas há diversos modos de retomada do discurso de outrem, como mostram

[...] os locutores, em graus diferentes, assumem uma atitude em relação ao discurso original que se revela através de modificações, retematizações, comentários e julgamentos, marcados diferentemente, visto que todo discurso reportado serve a um propósito numa situação sócio-histórica (CUNHA, 2005a, p. 103).

A esse respeito, Cunha (1992a, 1992b) e Brait (2001) asseguram que o discurso citado, trabalhado por Bakhtin e Volochinov (1986), de forma pioneira, dá continuidade à configuração do “outro” e sua participação na constituição do sujeito e das identidades, surpreendendo-o enquanto discurso presente no discurso, uma forma de “heterogeneidade mostrada”, na visão de Authier-Revuz (1990), e que aponta para dois ângulos: o “outro” enquanto discurso e o “outro” enquanto receptor.

Esse conceito de “outro” é desenvolvido na obra bakhtiniana, baseando-se em suas reflexões sobre a linguagem enquanto condição humana constitutiva.

Expondo as suas ideias sobre a “hermenêutica do cotidiano”, Bakhtin (2002, p. 139) assinala que as nossas conversas diárias são repletas de transmissões e interpretações das palavras dos outros. Por isso, prestando atenção às nossas falas, observamos que a todo momento estamos fazendo citações, referências às palavras de um interlocutor, às nossas palavras, a um filme, a um jornal, a um livro, a uma novela, a um fato recente, etc. “A maioria das informações e opiniões não são transmitidas geralmente, em forma direta, originária do próprio falante, mas referem-se a uma fonte geral indeterminada: ‘ouvi dizer’, ‘consideram’, ‘pensam’, etc.” (BAKHTIN, 2002, p. 140).

Em razão disso, observamos também que os procedimentos de transmissão do discurso alheio dependem do contexto, por isso são muito variados. Assim, o discurso de outrem está sujeito e submetido a diversas interpretações, (re)considerações, (re)acentuações, enfim, a transformações de sentido, já que não podemos “separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual (dialógico): um se relaciona indissolúvelmente ao outro” (BAKHTIN, 2002, p. 141).

Com base nas investigações sobre apreensão do discurso de outrem, Bakhtin articula formas de citação e gênero, percorre o discurso literário em obras de sua época, entre elas a Dostoiévski, criador do romance polifônico, para Bakhtin.

A reflexão sobre o discurso de outrem desloca Bakhtin do campo da teoria literária para o do uso ideológico da palavra. Dessa forma, o objetivo da assimilação da palavra de outrem busca definir a nossa atitude ideológica em relação ao mundo e o nosso comportamento, daí, Bakhtin postular duas categorias da palavra de outrem: a palavra autoritária e a palavra interiormente persuasiva. A primeira exige dos interlocutores “o reconhecimento e a assimilação, [...] a encontramos unida à autoridade. A palavra autoritária já foi *reconhecida* no passado. É uma palavra *encontrada de antemão*. [...] (a autoridade do dogma religioso, a autoridade reconhecida da ciência, a autoridade do livro da moda), [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 143, grifo do autor). A segunda se liga a “nossa palavra” que “se elabora gradual e lentamente a partir das palavras reconhecidas e assimiladas dos outros, e no início suas fronteiras são quase imperceptíveis” (BAKHTIN, 2002, p. 145). Por isso, para o autor, a palavra persuasiva interior é explicitada como metade nossa, metade também de

outrem. Ela nasce nas relações sociais, dos diferentes pontos de vista verbais e ideológicos, entra num inter-relacionamento tenso e num conflito com as palavras interiormente persuasivas. “A estrutura semântica da palavra interiormente persuasiva não é terminada, permanece aberta, é capaz de revelar sempre todas as novas possibilidades semânticas em cada um dos seus novos contextos dialogizados” (BAKHTIN, 2002, p. 146).

Assim, com base nas palavras de Bakhtin, podemos afirmar que existe em quase todo enunciado, de modo aberto ou velado, a presença de palavras significativas de outrem, verbalizadas por diversos processos. Essas abordagens do discurso de outrem, elaboradas pelo Círculo de Bakhtin, deram origem a diversos estudos sobre a heterogeneidade enunciativa da linguagem, bem como a estudos sobre os diferentes modos de retomada dos discursos pelos locutores.

Segundo Faraco (2003), nos textos de Bakhtin e Voloshinov, é compreensível que o fenômeno linguístico concreto mais debatido seja o discurso reportado, isto é, a marca explícita da palavra de outrem nos enunciados. Ele justifica o seu pensamento, afirmando que esse interesse decorre da noção dialógica de linguagem defendida pelo Círculo de Bakhtin, que focaliza a realidade linguística social e a de cada falante como heterogênea. Por isso, Faraco (2003, p. 123, grifo do autor) afirma ainda, que “Bakhtin, em **O Discurso no Romance** (1934), mostra-se fascinado pela onipresença, em forma aberta ou velada, da palavra de outrem ‘nos enunciados de um indivíduo social’, desde a réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbo-axiológicas.”

Está se dando uma interação intensa e um embate entre a palavra de um e de outrem, um processo no qual elas se opõem mutuamente ou se interanimam dialogicamente. O enunciado assim concebido é um elemento consideravelmente mais complexo e dinâmico do que quando entendido como simplesmente uma coisa que articula a intenção da pessoa que o pronuncia, caso em que assume-se o enunciado como um veículo direto, univocal, da expressão (BAKHTIN, 1934 apud FARACO, 2003, p. 123).

Na abordagem bakhtiniana, o discurso citado não se exaure na citação, já que reportar não significa apenas repetir, mas também estabelecer uma relação entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma forma de interação dinâmica dessas duas dimensões. Nas palavras de Cunha (1997), o discurso reportado não pode ser abordado fora da situação de interlocução, pois, trata-se de um fenômeno bivocal por excelência.

Ainda, conforme Cunha (2004a, p. 242), pesquisas sobre o discurso de outrem, em gêneros primários e secundários, revelam também a existência de diversos modos de relação à fala de outrem, tais como: “de um lado há a citação, do outro há a paráfrase, retomada não marcada do discurso de outrem que se funde com o discurso próprio.”

Atualmente, verificamos diversos termos e conceitos que se referem a “discurso de outrem”, o que revela que esse tema continua em vigor nas pesquisas linguísticas. Nessa direção, Cunha (2004a, p. 242, grifo da autora) ressalta que “o discurso de outrem revela uma variedade de objetos, de questionamentos e de abordagens teóricas dentro da literatura lingüística” sob diversos nomes: “*discurso citado, heterogeneidade mostrada e constitutiva, interdiscurso, polifonia, intertextualidade manifesta e a intertextualidade constitutiva, dialogismo mostrado e constitutivo*”, cada um implicando algum viés específico.

Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 172) concordam que o discurso citado compreende os diversos modos de retomar, no discurso, falas atribuídas a outras instâncias diferentes do locutor. Para estes autores, essa problemática vai muito além do estudo tradicional entre discurso direto, indireto e indireto livre, já que abrange também fenômenos

linguísticos como as formas híbridas, a colocação entre aspas e o itálico, a modalização por remissão a um outro discurso, as diversas formas de alusão a discursos já-ditos. Para muitos linguistas que analisam o discurso, a problemática do discurso citado abre esse estudo para o conjunto dos fenômenos tanto de polifonia quanto de heterogeneidade.

Vemos que os estudos sobre o discurso citado insistem, cada vez mais, no *continuum* entre as formas de discurso reportado, nas formas “mistas”, a ponto de questionarem a distinção entre as três formas sintáticas de discurso citado, analisadas pelas gramáticas normativas.

Para Charaudeau (1992 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 176), existem múltiplas formas de discurso citado, diferentes maneiras de citar o discurso de origem. Ele as reagrupa em quatro conjuntos: discurso citado, discurso integrado, discurso narrativizado, discurso evocado.

Assim, de acordo com Charaudeau (1992 apud VAZ, 2007, grifo nosso), no *discurso citado*, o discurso de origem é relatado (mais ou menos integralmente e autônomo) em uma construção que o reproduz tal como foi enunciado. Esse tipo de discurso equivale àquele que a gramática tradicional chama de “estilo direto” ou discurso direto.

No *integrado*, o discurso de origem é relatado quando faz parte de uma construção que o integra parcialmente ao dizer daquele que narra, o que ocasiona uma transformação no enunciado que passa a ser narrado na 3ª pessoa (os pronomes e os tempos verbais). Nesse caso, a gramática tradicional fala de “estilo indireto” e “estilo indireto livre” ou discurso indireto e discurso indireto livre.

No *discurso narrativizado*, o discurso de origem é reportado de tal forma que se integra completamente ao discurso citante e quase desaparece no dizer de quem reporta. O locutor de origem torna-se agente de um ato de dizer. Nesse caso, o discurso de origem passa por uma transformação morfológica aparecendo, em geral, em forma nominalizada. Outra noção de discurso narrativizado, encontramos em Cunha (1992, p. 111 apud CUNHA, 1995, p. 2): “trata-se de uma modalidade de discurso reportado que descreve o ato de fala realizado, cujo valor pragmático resulta de um julgamento metadiscursivo”. Em Cunha (2006, p. 130), a autora reafirma essa noção ao dizer: “[...] pode, contudo, evocar o discurso por meio do discurso narrativizado (DN) em que se relata apenas o ato de fala realizado.”

No *evocado*, esse discurso é utilizado para provar ou tornar mais verdadeiro o enunciado do locutor relator. É um tipo de discurso geralmente configurado por uma palavra ou um grupo de palavras entre aspas, travessões ou parênteses, correspondendo a um “Como se diz”, “Como você diz”, “Como ele diz”, ao “é comum”. As citações de máximas e de provérbios são exemplos de discurso evocado, pois fazem alusão ao saber popular, em que se recorre ao conhecimento de mundo do leitor para o entendimento da citação.

Essa classificação proposta por Charaudeau não só amplia o que a tradição gramatical considera como discurso reportado (discurso direto, indireto e indireto livre), mas também revela que o discurso citado é mais do que forma, ou seja, é a linguagem em uso. E, no uso do discurso reportado, observamos que um modo de enunciação de origem pode ser retomado de diferentes formas pelo enunciador e que, na escrita, nem sempre o discurso citado aparecerá com a pontuação canônica. Outro ponto importante a ser destacado é que, se o locutor retoma o discurso de outrem, todo discurso reportado é polifônico. Nas palavras de Cunha (1992b, p. 114, grifo da autora), “toda citação, mesmo a transmissão direta *ipsis litteris* entra em outras redes dialógicas que não são as do contexto original.”

Daí que a compreensão de discursos depende da historicidade de vida do(s) sujeito(s), dos conhecimentos acumulados, das leituras realizadas, entre outros. Observamos que determinados discursos, determinadas obras só se revelam por meio do conhecimento de outro(s) discurso(s) e de outra(s) obra(s). Como afirma Orlandi (1988, p. 18), “[...] todo discurso nasce em outro (sua matéria-prima) e aponta para outro (seu futuro discursivo). Por

isso, na realidade, não se trata nunca de um discurso, mas de um *continuum*.”

Reconhecendo o dialogismo constitutivo da linguagem, atribuindo-se um papel privilegiado à presença de discursos “outros”, ou seja, atribuíveis a outra fonte enunciativa, destacamos, nas abordagens enunciativas pós-bakhtinianas, o trabalho de Authier-Revuz (1990) que, partindo da concepção dialógica da linguagem formulada por Bakhtin e da abordagem do sujeito e de sua relação com a linguagem formulada por Freud e por Lacan, elaborou uma distinção entre *heterogeneidade mostrada* e *heterogeneidade constitutiva*.

Fundamentada nessas concepções, Authier-Revuz (1990, p. 26) propõe “uma descrição da heterogeneidade mostrada como formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso”. Ainda, segundo Authier-Revuz (1990, p. 32), “heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação num discurso, de sua constituição”. Assim, nas formas linguísticas de heterogeneidade mostrada, essa autora distingue aquelas que mostram o lugar do outro de forma unívoca, tais como discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas; e outras formas não marcadas onde o outro é dado a reconhecer sem marcação unívoca, como o discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação etc. Quanto à heterogeneidade constitutiva, esta é inerente à linguagem, pois todo discurso se constrói a partir de outros sobre o mesmo tema, sendo, assim, constituído por diversas vozes não mostradas explicitamente no texto.

Segundo Authier-Revuz (2004), partindo das formas mostradas que atribuem ao outro um lugar delimitado no discurso e passando pelo *continuum* das formas recuperáveis da presença do outro no discurso, chega-se, “à presença do outro – às palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem linguística” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 21). Eis a constatação da realidade da heterogeneidade constitutiva, como indica o próprio termo, de que o discurso do outro é sempre onipresente e, por isso, está presente em toda parte.

Para Brandão, essa linguista francesa tem analisado as marcas explícitas denominadas de heterogeneidade mostrada como “formas de ruptura, de fraturas que intervêm no fio do discurso, colocando em confronto a identidade/alteridade do sujeito” (BRANDÃO, 2001, p. 68). As marcas dessa heterogeneidade mostrada relacionam-se com a heterogeneidade constitutiva da linguagem; essa heterogeneidade de forma não marcada é, contudo, possível de ser determinada pelo dialogismo. Ainda, conforme Brandão (2001), a impossibilidade de fugir da heterogeneidade constitutiva da linguagem faz o sujeito negociar com ela, explicitando a presença do outro por meio das marcas da heterogeneidade mostrada.

Assim sendo, com base nas abordagens de Authier-Revuz (1990) sobre a(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s), observa-se que a heterogeneidade constitutiva é não analisável pelo linguista, por sua vez, a heterogeneidade mostrada consiste na inscrição do “outro” na sequência discursiva e apresenta-se sob formas linguísticas ou não de representação de seu discurso.

Assim, o dialogismo bakhtiniano refere-se à presença do discurso de outrem em todas as produções verbais. Daí, a concepção dialógica da produção do dizer e do seu sentido, por meio de outros discursos, é ativa e dinâmica. Nas palavras de Bakhtin (2002, p. 88), “em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”. Nessa direção, Cunha (2008, p. 112) afirma: “a experiência discursiva do ser só se concretiza e se desenvolve no movimento contínuo de interação. Por isso, a aquisição da linguagem não pode ser pensada em termos de formas da língua, mas de assimilação dos discursos do outro”. Tomando por base essa visão de Bakhtin e de Cunha, entendemos que os discursos não são formas sintáticas de transmissão das falas alheias, mas pontos de vista, representações da

interação entre sujeitos e suas posições axiológicas.

Muitas destas considerações se ancoram no pensamento bakhtiniano, segundo o qual:

[...] tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciatador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala (BAKHTIN, 1979 apud BRAIT, 2003, p. 14).

Desse modo, alicerçado na concepção dialógica da linguagem, podemos dizer que a nossa fala não pertence só a nós. Nela ecoam muitos discursos, muitas vozes, às vezes explícitas, às vezes silenciadas. Nesse sentido, observamos que o discurso do outro na abordagem bakhtiniana revela a presença do heterogêneo na constituição do discurso, o que nos mostra a contribuição de Bakhtin para os estudos da heterogeneidade, a partir de sua reflexão sobre o “discurso de outrem”.

Assim, por ser o sujeito constituído historicamente e ocupar diversas posições enunciativas, ele faz emergir seu discurso a partir do outro, mas também se manifesta ativamente, ou seja, produz seu conhecimento por meio de seu ponto de vista, atuando também como construtor do seu discurso.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas-SP: UNICAMP, IEL, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- _____. **Entre a Transparência e a Opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Rev. Téc. Trad. Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail./VOLOCHINOV, Valenti Nikolaiévitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986 (1ª edição, 1929).
- _____. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. **Bajtín y Vigotski**: la organización semiótica de la conciencia. Barcelona: Anthropos, 1993. (1ª edição, 1929). p. 217-243.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Equipe de tradução do russo: Aurora Fornoni Bernadini et al. 5. ed. São Paulo:Hucitec/Annablume, 2002.
- BRAIT, Beth. . Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Estudos Enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas-SP: Pontes: São Paulo: FAPESP, 2001. p. 7-25.
- _____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de.; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 11-27.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Da Língua ao Discurso, Do Homogêneo ao Heterogêneo. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Estudos Enunciativos no Brasil**: histórias e perspectivas. Campinas, SP: Pontes: São Paulo: FAPESP, 2001. p. 59-69.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do**

- Discurso.** Coordenação de tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. **Discours Rapporté et Circulation de la Parole.** Leuven/Louvain-la-Neuve: Peeters/Louvain-la-Neuve, 1992a.
- _____. Uma leitura da abordagem bakhtiniana do discurso reportado. In: **Investigações - Lingüística e Teoria Literária**, Recife: UFPE, v. 2, p. 105-117. 1992b.
- _____. Discurso reportado e criatividade em narrativas infantis. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA (ABRALIN), 1., 1995, Salvador. **Anais...** Salvador: [s. n.], 1995. p. 1-5. (em disquete).
- _____. Bakhtin e a lingüística atual: interlocuções. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido.** Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 303-310.
- _____. Vozes e gêneros discursivos na fala e na escrita. In: **Investigações – Lingüística e Teoria Literária**, Recife: UFPE, v. 8, p. 129-145. 1998.
- _____. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 166-179.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O discurso de outrem nos estudos da linguagem pós-bakhtinianos. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE BAKHTIN, 11., 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba: [s.n.], 2004a. p. 239-243.
- _____. Atividades sobre os Usos ou Exercícios Gramaticais? Uma Análise do Discurso Reportado. In: DIONÍSIO, Ângela; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **O Livro Didático de Língua Portuguesa: múltiplos olhares.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a. p. 101-112.
- _____. Dialogismo em Bakhtin e Lakubinskii. In: **Investigações – Lingüística e Teoria Literária**, Recife: UFPE, v. 18, n. 2, p. 103-114, jul. 2005b.
- _____. A estilística da enunciação para o estudo da prosa literária no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. (Orgs.). **Português no Ensino Médio e Formação do Professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 117-138. (Série Estratégias de Ensino 2).
- _____. Visitando a interação na prosa literária. In: **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 24, n. 1, p. 105-123, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin.** Curitiba: Criar Edições, 2003.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1988.
- VAZ, Clara Araujo. **Gênero do Discurso como Prática Social: as vozes dos leitores na construção do “box de correção”.** 2007. 94f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/posverna/mestrado/VazCA.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2008.